

INFÂNCIA, HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E LEITURA DE MUNDO: UMA EXPERIÊNCIA COM A LINGUAGEM QUADRINHÍSTICA NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGAS E PEDAGOGOS

Marta Regina Paulo da Silva¹

Introdução

Uma fala bastante comum e corriqueira é a de que as crianças e os adolescentes brasileiros não gostam de ler. Porém, a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, encomendada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) e divulgada em 2008, em sua segunda edição², revela que estes/as são os/as que mais leem no Brasil. Poderíamos ficar felizes com este dado, supondo que uma vez leitores/as continuarão a lê-lo ao longo de suas vidas. No entanto, ao observarmos mais atentamente os dados da pesquisa verificamos que boa parte deste número se dá em função de certa exigência escolar, diminuindo à medida que vão avançando em sua escolaridade, sendo a leitura para os adultos justificada, em especial, em função da necessidade de aperfeiçoamento profissional, o que nos faz pensar que apesar de sua exigência, a escola não tem formado leitores/as para a vida inteira.

Embora a própria pesquisa aponte que é alto o índice de estudantes que dizem ler por prazer ou gosto, sabemos que a escola, em sua grande maioria, tem demonstrado uma relação bastante “burocrática” e utilitária para com a leitura; crianças e adolescentes, muitas vezes, devem ler para a professora, para fazer provas, trabalhos escolares, etc. A leitura como fruição e, principalmente, como forma de leitura de mundo, como propõe Freire (1994), ainda se constitui em um dos desafios das escolas brasileiras, sejam elas públicas ou privadas.

Neste sentido, a preocupação com as práticas de leitura nas escolas têm feito com que o Ministério da Educação e Cultura do Brasil (MEC) busque alternativas no sentido de diversificar os gêneros textuais e despertar nas crianças e adolescentes o prazer pela leitura. Nesta perspectiva, o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) tem encaminhado às bibliotecas escolares públicas brasileiras um número significativo de obras considerando a diversidade textual. Entre as obras³ encontram-se a poesia, os contos, as crônicas, as biografias, etc. Também estão incluídas no acervo encaminhado às escolas desde 2006, as histórias em quadrinhos (HQ), que a cada ano vem aumentando o número de histórias selecionadas: 14 obras em 2006, 16 em 2008 e 23 em 2009.

As HQ historicamente foram rotuladas de sublitteratura, sendo responsabilizadas, na década de 1950, pela delinquência dos jovens norte-americanos. No Brasil, em 1944, um estudo realizado pelo Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (INEP), órgão ligado ao MEC, afirmava que as HQ provocavam “lerdeza mental”. Após várias décadas, marcadas por grande discussão sobre o uso educativo dos quadrinhos, hoje há, por boa parte de

¹ Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo na linha de pesquisa Formação de Educadores. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Metodista de São Paulo.

² A pesquisa foi realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) e coordenada pelo Observatório do Livro e da Leitura (OLL). É uma pesquisa quantitativa de opinião, que utilizou a aplicação de questionário com 60 perguntas e entrevistas realizadas nos domicílios, num total de 5.012 entrevistas em 311 municípios de todo o país, no período de 29/11 a 14/12/2007. Esta amostra representa mais de 172 milhões de pessoas, ou seja, 92% da população brasileira. Foi realizada com uma população a partir de 5 anos de idade e teve como objetivo diagnosticar o comportamento leitor da população em relação aos livros e levantar junto à mesma sua opinião quanto à leitura, procurando identificar suas preferências, formas de acesso à leitura, bem como as dificuldades. Para conhecer a pesquisa na íntegra acessar: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/>.

³ Conferir: http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=biblioteca_escola.html. Quanto aos critérios de seleção, ler também entrevista com Aparecida Paiva, do Ceale (UFMG), responsável por coordenar a seleção de títulos que compõem a lista do PNBE, disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/imprime.asp?codigo=12663>.

pesquisadores/as e educadores/as, o reconhecimento do seu potencial no trabalho em sala de aula. Este reconhecimento se fez presente na própria Lei de Diretrizes e Base da Educação, nos documentos nacionais curriculares e, como vimos, no PNBE.

Contudo, apesar de todos os estudos, pesquisas e debates, que já se travaram mostrando as HQ como um potente meio de comunicação e uma criativa forma de linguagem que faz original síntese entre texto e imagem, ainda há aqueles/as, entre eles/as muitos/as são professores/as, que as consideram tão somente um objeto de entretenimento. Como tais profissionais irão trabalhar com este acervo de HQ que tem chegado às escolas se possuem para com elas uma relação ainda preconceituosa? E mesmo aqueles/as que desejam trabalhar com as HQ com suas crianças, jovens e adultos, reconhecem a linguagem específica dos quadrinhos a fim de que possam explorar toda sua riqueza na sala de aula?

Sobre isto, Vergueiro (2005) fala da necessidade de uma “alfabetização” de alunos/as e professores/as na linguagem específica dos quadrinhos, no intuito de que assim possam decodificar as várias mensagens presentes em suas histórias. E como se dá tal alfabetização? Uma resposta possível seria: através da própria leitura das HQ. Sem dúvida ler os quadrinhos é fundamental; no entanto, somente isso daria conta de romper, em especial na formação que muitos/as educadores/as tiveram, com o preconceito em relação a esta forma de expressão humana? Quais as experiências que estes/as profissionais tiveram com as HQ? O que fazem quando as histórias em quadrinhos chegam às escolas para serem utilizadas nas práticas de leitura e escrita? Como leem as HQ e como as apresentam para as crianças, jovens e adultos?

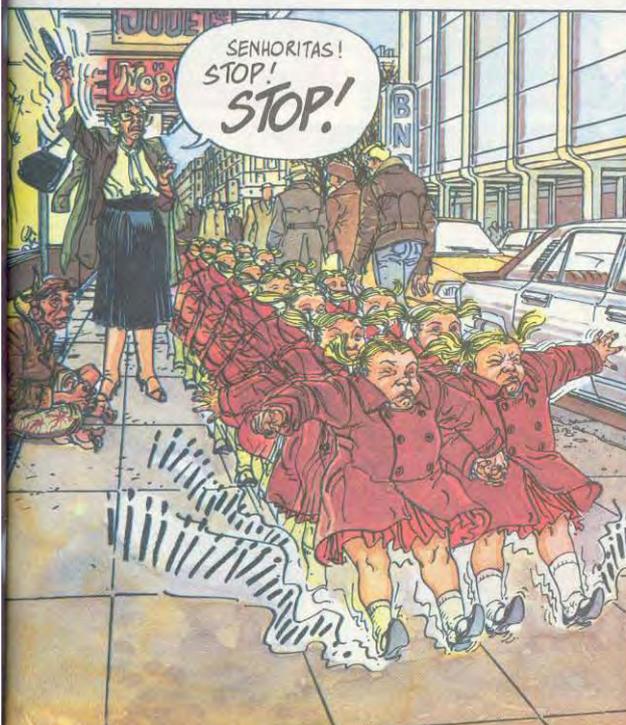
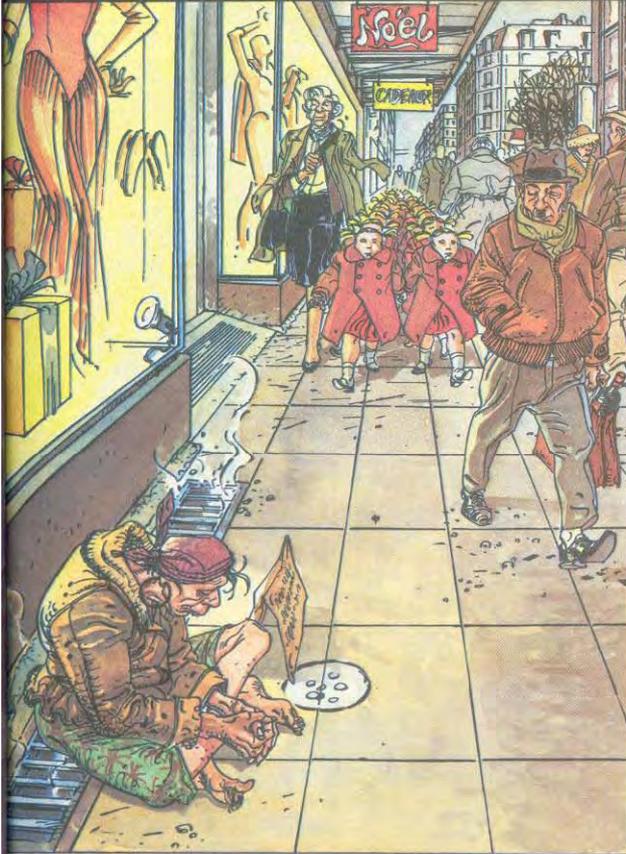
Este trabalho, que aqui apresento, tem como objetivo problematizar estas questões tendo como preocupação central a formação “quadrinhística” de professores/as de modo geral e, em especial, aqueles/as que trabalham com as crianças. Para tanto, parto da experiência que tenho realizado no curso de Pedagogia da Universidade Metodista de São Paulo com o uso das HQ na formação de pedagogos/as. Experiência que se configura como parte das reflexões que venho realizando em minha pesquisa de doutorado intitulada, até o momento, de “As crianças em... Culturas infantis e histórias em quadrinhos: as relações de gênero nos quadrinhos da Turma da Mônica”, na Faculdade de Educação da UNICAMP.

Infância, histórias em quadrinhos e leitura de mundo...

Para falar sobre a interface infância, quadrinhos e leitura de mundo, trago aqui Boucq⁴ e sua Pedagogia da Calçada (1995):

⁴ François Boucq, desenhista francês de quadrinhos, conhecido pela saga “Bouncer” com roteiro de Alejandro Jodorowsky. Conferir: <http://lambiek.net/artists/b/boucq.htm>.

A Pedagogia da Calçada



BOM. MUITO BOM, ANNE CÉCILE.







HEAVY METAL 22

Em quatro páginas o desenhista e roteirista Boucq denuncia uma determinada prática educativa, denominada por Freire (2003) de “educação bancária”, uma educação tecnicista, que apenas preocupada com os conteúdos técnico-científicos, desconsidera as dimensões ética, política e estética da educação. Na perspectiva “bancária”, o/a aluno/a é um receptor passivo dos depósitos efetuados pelo professor/a (depositário/a), detentor/a do saber, e que num determinado momento cobra, através das provas, os depósitos efetuados, que devem ser devolvidos exatamente como feito pelo/a docente. Aqui não cabem discordâncias, críticas ou sugestões; não cabe enfim a autoria de alunos/as.

Ao lermos “Pedagogia da Calçada” observamos a professora sair com suas alunas para fora dos muros escolares, o que num primeiro momento pode nos parecer muito interessante; porém, sair para além destes muros para que, com qual objetivo? Conhecer a realidade e refletir sobre ela? Com qual intenção? Transformá-la? Reproduzi-la? Nesta HQ a realidade parece servir apenas como ilustração dos conteúdos aprendidos na escola; conteúdos estes que não são resignificados, apenas retomados a fim de que sejam memorizados. Há, portanto, uma “didatização” da realidade, ou seja, certa simplificação de sua leitura, que desconsidera os aspectos econômicos, políticos, sociais, entre outros. Esta se torna apenas, para professora e crianças, instrumento para ilustrar as aulas, sem qualquer tipo de reflexão crítica sobre a mesma.

Da mesma forma que observamos em algumas práticas pedagógicas esta “didatização” da realidade, verificamos também certa “didatização” das histórias em quadrinhos, reduzindo o potencial de sua mensagem e seu caráter formativo. Srbeek (2006) nos instiga a pensar se os quadrinhos na escola são considerados de fato uma linguagem educativa ou uma tapeação didática:

Ao que parece, contudo, a escola não está ainda atenta à dimensão *formativa* dos quadrinhos, concentrando sua atenção na escolarização tradicional de sua linguagem, quer seja como “meio de distração”, quer seja como “instrumento didático”. Isto se confirma por livros didáticos em que as histórias em quadrinhos são incorporadas, com o objetivo de torná-los mais “agradáveis” ou para “tapear” o aluno enquanto se transmite “conteúdos” embalados na forma de quadros e balões. Outra estratégia de inserção (que se bem utilizada pode render bons resultados) é a reprodução de uma história em quadrinhos saída dos veículos tradicionais, na qual apontam e da qual se destacam elementos que se quer discutir com os alunos (p, 16).

As histórias em quadrinhos, assim como o cinema, podem se constituir como uma importante fonte de conhecimento e, portanto, de leitura do mundo, o que possibilita o debate sobre vários assuntos da realidade, inclusive dentro da própria escola. Aliando texto e imagem torna-se um poderoso instrumento de comunicação apresentando mensagens carregadas de valores, concepções... daqueles/as que as criaram; daí a possibilidade que abrem para o diálogo sobre as mensagens que veiculam.

Importante marcar que não sou contra o uso das HQ na escola como recurso didático, desde que, com isso, não se reduza a força de sua linguagem a certa “sedução perversa” para que crianças, jovens e adultos se apropriem de conteúdos sem refletir sobre eles, ou ainda, no caso da leitura, iniciarem com as HQ para depois irem para os livros “de verdade”. É preciso compreender os quadrinhos como importantes em si mesmos e fruir com sua leitura, que apresenta características específicas em sua linguagem assim como outros textos, por exemplo, as poesias, os contos, o cordel, etc.

Vergueiro (2005) também nos alerta para que seu uso em sala de aula não se transforme em uma panacéia, acreditando que estas darão conta de todos os objetivos educacionais:

Da mesma forma, uma valorização excessiva das histórias em quadrinhos pelo professor, principalmente no momento de sua utilização – como se elas dessem a resposta desejada para todas as dúvidas e necessidades do processo de ensino –, também acaba sendo pouco produtiva, pois coloca o meio em uma posição desconfortável frente às outras formas de comunicação. Os quadrinhos não podem ser vistos pela escola como uma espécie de panacéia que atende a todo e qualquer objetivo educacional, como se eles possuíssem alguma característica mágica capaz de transformar pedra em ouro. Pelo contrário, deve-se buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editorial, televisiva, radiofônica, cinematográfica etc., tratando todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes (p. 27).

Não cair na “didatização” do uso das HQ na escola e nem tê-la como salvadora de todas as mazelas educacionais, mas sim reconhecê-las como uma das formas de comunicação que nós, seres humanos, historicamente construímos para transmitir uma mensagem e que, portanto, deve ser respeitada e considerada na formação de crianças, jovens e adultos, constitui-se hoje em um dos desafios da educação. Para tanto, além da constituição de acervo para as bibliotecas escolares, faz-se necessário também investir na formação de educadores/as no que diz respeito à linguagem dos quadrinhos, a fim de que estes/as possam fruir em suas leituras, conhecer suas especificidades, selecionar bons materiais para o uso na sala de aula e assim poder explorar todo o seu potencial.

A linguagem quadrinhística na formação de professores/as...

Preocupada com esta formação e com o uso que vem sendo feito nas escolas com as HQ venho trabalhando no curso de Pedagogia da Universidade Metodista de São Paulo com as histórias em quadrinhos, tanto na disciplina de “Alfabetização e Letramento”, como no “Projeto Brinquedoteca/ Gibiteca/ Laboratório de Metodologias” o qual coordeno; neste último conto com a colaboração do Professor Dr^o Elydio dos Santos Neto, do Mestrado em Educação da UMESP e membro do Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP, e de alunos/as do curso de Pedagogia e Teologia, e ainda ex-alunos/as da Pedagogia e da Comunicação da UMESP.

Neste trabalho, que também tem se constituído para mim num laboratório para pensar sobre minha pesquisa de doutoramento, tenho como objetivos:

- Que os/as alunos/as ampliem seu universo cultural através do conhecimento desta forma de comunicação e arte;
- Ampliem o conhecimento acerca dos diferentes gêneros⁵ presentes nas HQ;
- Conheçam a linguagem específica dos quadrinhos;
- Problematizem seu uso na escola;
- Que tenham a experiência de criarem suas próprias HQ.

Para tanto, num primeiro momento, é solicitado aos/as estudantes que explorem diferentes HQ, narrem suas experiências com as mesmas ao longo de suas vidas e assim, vamos dialogando sobre o que são os quadrinhos, suas histórias, sua linguagem (icônica e verbal), como criar HQ, entre outros conteúdos.

Ao pensarmos a linguagem quadrinhística na formação de professores/as, em especial daqueles/as que irão trabalhar com crianças, deparamo-nos com muitas dificuldades, pois além de problematizar os saberes, construídos historicamente, sobre o que é ser criança, sua infância, é preciso ainda, vencer o preconceito, também historicamente construído, acerca dos quadrinhos a fim de que cada um/a se permita a conhecer esta linguagem. Preconceito que passa inclusive por muitos/as pesquisadores/as

⁵ Sobre a discussão de gêneros nas HQ ver Ramos (2009).

da área da educação, que criticam as HQ considerando-as apenas como um produto dos meios de comunicação de massa a serviço da alienação da população. O que se observa de tais profissionais é, quase sempre, o desconhecimento desta forma de comunicação, que assim como tantas outras pode estar tanto a serviço da reprodução quanto da transformação desta sociedade capitalista e neoliberal. Desta forma, não são nem melhores nem piores que outras linguagens, apenas diferentes, e como tal dialogam perfeitamente com as outras.

Assim a história em quadrinhos, definida por Eisner (1989) como arte sequencial, ou arte de narrar através das imagens (Groensteen, 2004), ainda encontra hoje, usando aqui os conceitos de Umberto Eco (2006), os “apocalípticos” que veem nos meios de comunicação de massa, entre eles as HQ, a degradação da própria cultura e como mais um mecanismo de controle, coisificação e alienação do povo; e os “integrados” que ao contrário, defendendo a popularização da arte como forma de acesso aos bens culturais, veem a possibilidade do ser humano compreender a si mesmo e ao mundo em que vive de uma forma mais rápida.

O fato é que, enquanto arte⁶ de raízes populares, os quadrinhos, graças a sua linguagem específica caracterizada pelos balões, onomatopéias, requadros e os vários planos utilizados pelos desenhistas, tornou possível certa dinamicidade à leitura, conquistando assim grande público entre crianças⁷, jovens e adultos. Soma-se a isso a facilidade de acesso graças a sua reprodução e disseminação, cumprindo assim com aquela função social defendida por Benjamin (1994) de aproximar o indivíduo da obra.

Aqueles/as que estão a criticar as HQ, muitas vezes, não se permitem dialogar com as mesmas. Tomemos a “Pedagogia da Calçada” de Boucq; como dizer que esta narrativa está a serviço da alienação? Uma história que, dentre as inúmeras leituras que ela nos possibilita, faz a denúncia de uma forma de educação pragmática, insensível ao sofrimento humano, que não procura compreender e debater a desigualdade social, e, principalmente, que vai formando crianças desde cedo as acostumando que a realidade é assim mesmo e não há muito a fazer. Uma educação que padroniza e dociliza seus corpos, a fim de que se tornem sujeitos submissos e colonizados.

Boucq denuncia esta educação através de sua arte⁸, onde observamos as meninas todas uniformizadas, todas iguais, inclusive em suas características físicas, a repetir docilmente aquilo que a professora deseja ouvir. Uma professora, representante aqui da ideologia da classe social dominante, que, em nome de um suposto poder acadêmico, desqualifica uma mulher pobre que pede ajuda. As cores que utiliza, as expressões das personagens, o formato dos requadros, os planos de tomada, os balões, as onomatopéias e tantos outros recursos gráficos, inclusive permitindo a professora e as meninas andarem pelas paredes, tudo isto compõe sua denúncia.

Trabalho com esta HQ no curso de Pedagogia no sentido de problematizar com os futuros/as pedagogos/as sua própria formação; ou seja, no intuito de que ao pensarmos a escola e o papel do professor/a não podemos desconsiderar as várias dimensões que estão implicadas na prática educativa: a dimensão técnica, política, ética e estética, como nos propõem Rios (2001), Apple (1999), Freire (1996) e Fernandes (1986). Com isto defendo a

⁶ Muito tem se discutido se as HQ são uma forma de arte ou não. Sobre isto conferir o trabalho de Andraus (2008).

⁷ Com relação aos gêneros mais lidos entre os/as leitores/as brasileiros/as, a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” demonstra que entre a população de 5 a 10 anos as HQ ocupam o 2º lugar (48%) ficando atrás da literatura infantil (77%); para a população entre 11 e 13 anos permanece em 2º lugar (44%) junto com a literatura infantil (44%), estando agora em 1º lugar os livros didáticos com 47%.

⁸ Boucq utiliza neste trabalho um recurso, comum entre os desenhistas de quadrinhos, que é o emprego de expressões estereotipadas, como nos lembra Ramos: “no geral, vale a recomendação para facilitar ao máximo o processo de leitura. (...) Como o formato é reduzido, o recurso seria uma forma de simplificar as informações visuais ao leitor, sem que tenham que ser explicadas verbalmente” (2008, p. 115). Na história em questão o recurso da estereotipia é usado para a identificação dos diferentes personagens: professora, alunas, mendiga e trabalhadores. Consequentemente, a rápida identificação visual das personagens permite ao leitor/a “liberar-se” para interpretações e reflexões ao proposto.

importância do conhecimento técnico por parte dos/as docentes, ou seja, é preciso saber fazer, ter domínio dos conteúdos e das estratégias didáticas, mas este “saber fazer” não pode estar desvinculado das outras dimensões, do contrário jamais conseguiremos romper com certa concepção tecnicista que durante muito tempo tem prevalecido em muitas instituições educativas, e que Boucq critica em sua “Pedagogia da Calçada”.

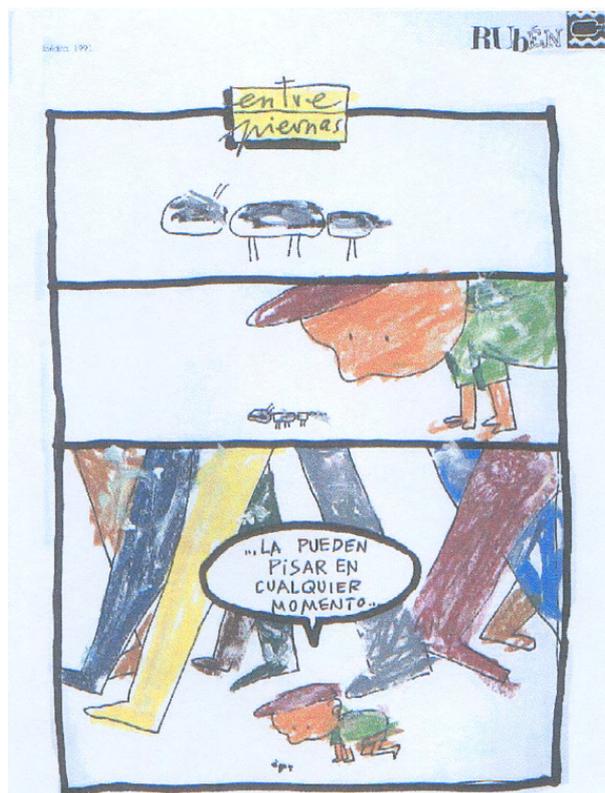
Nesta perspectiva tecnicista há uma supervalorização da dimensão técnica em detrimento das questões relativas ao contexto social e político-econômico no qual vivemos, ignorando muitas vezes quem são os/as próprios/as alunos/as e como estes/as vivem. Como afirma Fernandes: “Se o professor pensa que sua tarefa é ensinar o ABC e ignora a pessoa de seus estudantes e a condição em que vivem, obviamente não vai aprender a pensar politicamente ou talvez vá agir politicamente em termos conservadores prendendo a sociedade a laços do passado, ao subterrâneo da cultura e da economia”. (1986, p.24)

Não há educação neutra, ela é sempre um ato político, que implica em escolhas e tomadas de decisões frente à construção coletiva da sociedade. Tal condição exige cada vez mais de nós, educadoras e educadores, respeito às diferenças e luta na perspectiva da constituição de uma educação que favoreça a participação de alunos/as no permanente processo de humanização de nossa sociedade. Portanto, não é possível falar em ação docente, sempre relacionada à construção do conhecimento, sem considerar suas dimensões ética e estética. Ética no “que diz respeito à orientação da ação, fundada no princípio do respeito e da solidariedade, na direção da realização de um bem coletivo” (Rios, 2001, p. 108) e que exige de cada um/uma de nós sensibilidade ao outro/a: aos seus saberes e não saberes, as suas alegrias e as suas dores, às condições concretas de sua existência, etc.; marcando desta forma a dimensão estética do trabalho docente.

A leitura de histórias em quadrinhos como a “Pedagogia da Calçada” de Boucq nos convida, desde que abertos/as a elas, a repensarmos a escola e a reinventá-la, como sempre defendeu o educador brasileiro Paulo Freire. Repensar não só a escola, a realidade, mas também o nosso próprio olhar para as crianças e o mundo que oferecemos a elas. Um mundo pensado por adultos para os adultos. Um mundo adultocêntrico marcado pela falta de diálogo, de entendimento, ausência da escuta, violência, exclusão, discriminação. Um mundo onde as crianças “aprendem com os adultos a aniquilação dos direitos, o medo, a agressão.” (Kramer, 2003, p. 93)

Vários são os quadrinhos que também denunciam este mundo que é oferecido às crianças, como, por exemplo, a HQ “Entre piernas”⁹, de Rubén:

⁹ HQ de Rubén. In: Vinhetas de España. Instituto de Cooperación Iberoamericana. Catálogo produzido para a exposição itinerante com a colaboração da Embaixada da Espanha, 1992/93.



Observamos nesta HQ três requadros, sem calhas¹⁰, o que sugere uma leitura mais rápida. Terá sido intenção do desenhista em demarcar, com a própria velocidade da leitura, nossa relação hoje com o tempo? Nesta sociedade neoliberal onde “tempo é dinheiro”, tudo se passa de forma tão veloz e muitas vezes desprovida de sentidos, já não é possível parar para olhar o outro/a, seja ele/a uma formiga ou uma criança. A falta de tempo, fruto da exploração do trabalho humano, não nos permite mais admirar, estranhar, pensar, criar... tudo se passa muito rápido e quase sempre tem na efemeridade sua marca. Como é possível parar para observar que a qualquer momento a formiga/criança pode ser pisada? Ou ainda, como parar para tomar consciência de que nós adultos estamos a pisá-la?

Muitas vezes invisíveis ao olhar adultocêntrico de muitos/as educadores/as e pesquisadores/as, o discurso dominante da criança como natureza pura, inocente, reprodutora de cultura, biologicamente determinada por estágios universais, imatura e que precisa ser preparada para a vida adulta prevalece ainda hoje, apesar dos vários estudos sobre a infância, em especial a sociologia da infância, que compreendem e defendem que as crianças são sujeitos sociais e históricos, produtores e produto da cultura em que vivem.

Rubén também nos possibilita, através de sua HQ, verificar a transgressão das crianças a tudo que este mundo neoliberal lhe oferece. Elas param, num tempo onde não se pode parar; olham, admiram, pensam... num lugar onde o olhar tem que ser cristalizado, onde a curiosidade não é permitida; resistem, a serem capturadas por um sistema que as querem submetidas, individualistas, competitivas. Assim como em Rubén encontraremos esta criança curiosa, transgressora, questionadora, também na Mafalda de Quino ou em Calvin de Bill Watterson.

Desta forma, no trabalho formativo de professores/as, ler histórias em quadrinhos como estas têm instigado a pensar e repensar a educação das crianças, pois como seres

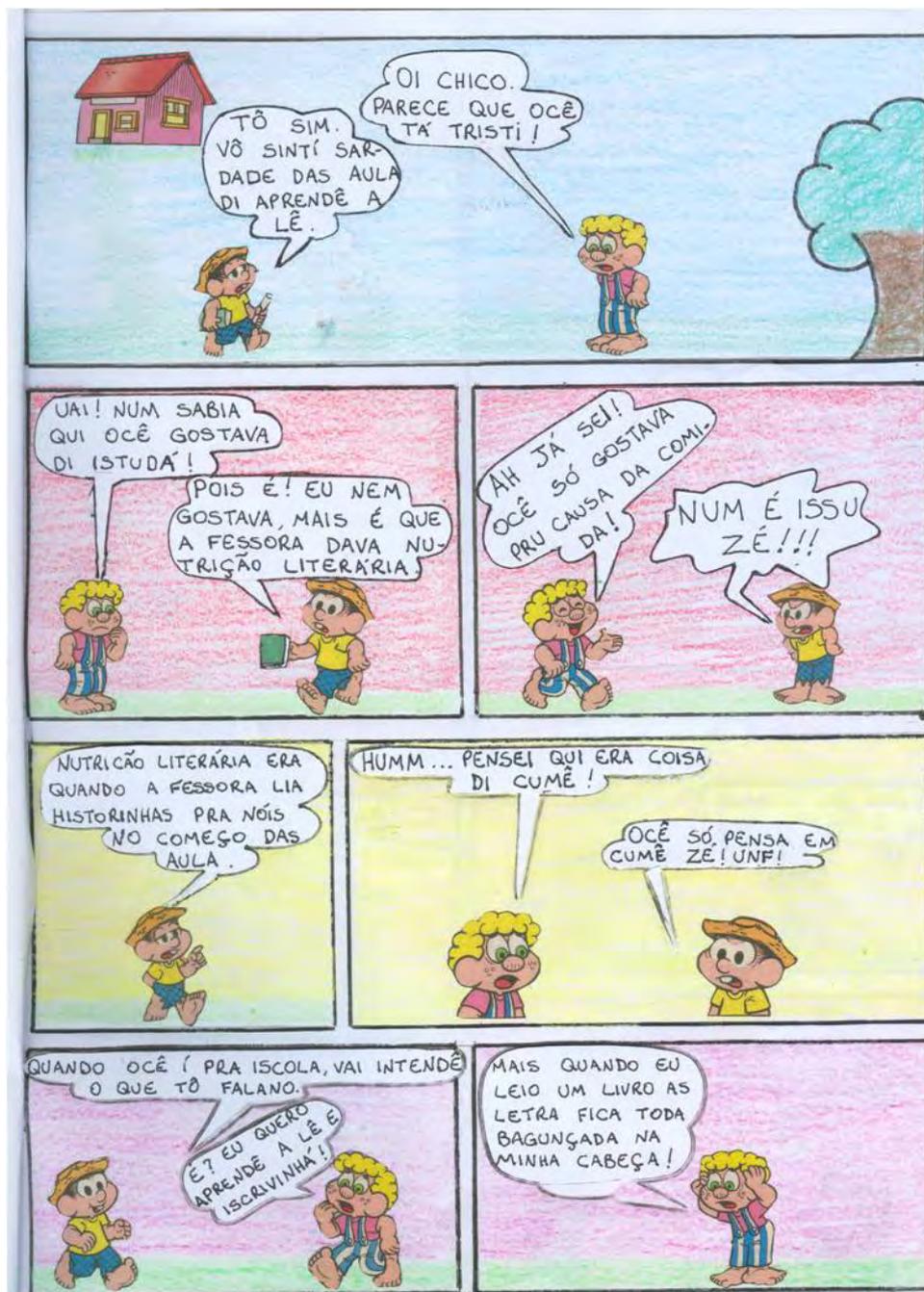
¹⁰ Calha, também conhecida como sarjeta (McCloud, 2005), caracteriza-se pelo espaço existente entre um requadro e outro, que marca certa descontinuidade necessária na leitura da narrativa quadrinhística, permitindo ao leitor/a a inferência de informações contidas no próprio texto e contexto da HQ.

humanos incompletos, inconclusos e inacabados, caminhamos sempre na perspectiva do “ser mais”. Neste processo, o que tenho verificado nesta relação com as HQ é que, à medida que conhecem outras histórias, para além da Turma da Mônica¹¹, os/as (futuros/as) docentes vão quebrando as amarras de um olhar cristalizado e preconceituoso para os quadrinhos, passam a ficar mais atentos/as aos detalhes das mesmas, sua linguagem e a mensagem que procuram transmitir.

Vencida a etapa de permitir-se à leitura dos quadrinhos, inclusive muitos/as passam a adquirir HQ o que não faziam até então, outro desafio se apresenta no trabalho formativo proposto, o de desenhar sua própria HQ. O desenho que vários/as tiveram que abandonar ao longo de sua formação, silenciando seu traço e não se permitindo mais desenhar.

Mesmo provocados/as, alguns (futuros/as) professores/as se recusam a fazê-lo, ou seja, a desenhar sua HQ, recorrendo então a outras formas de construí-la como no exemplo abaixo, onde uma aluna do 5º semestre de Pedagogia cria a partir dos personagens de Maurício de Sousa.

¹¹ A grande maioria de alunos/as da Pedagogia e também de professores/as da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, conhecem apenas as HQ da Turma da Mônica do desenhista e empresário Maurício de Sousa, seguida pela Turma do Menino Maluquinho do desenhista Ziraldo. Na pesquisa Retratos de Leitura no Brasil, Maurício de Sousa comparece em 10º lugar entre os escritores brasileiros mais admirados pelos/as entrevistados/as e Ziraldo na 15ª posição.



Outros/as se aventuram e experimentam desenhar novamente, encantando-se com o seu resultado, como o trabalho abaixo de uma aluna do 4º semestre de Pedagogia.



Há ainda aqueles/as que não desistiram do desenho, apesar de uma formação que insistentemente os/as convidavam a fazê-lo. Abaixo a HQ de Éderson Paulino da Silva, aluno do 5º semestre de Pedagogia.



Ao longo deste trabalho de formação é possível observar, principalmente na graduação, como os/as alunos/as resignificam sua relação com as HQ, como podemos verificar nas seguintes avaliações:

- ✓ Fazer a HQ foi um desafio. Não tenho habilidade para desenhar. Recorri as tiras da Mafalda para fazer uma adaptação. Envolvi toda a família: filhas e o marido. Minha filha perguntou: “Mãe, isto é livro de faculdade”? Passei a comprar e ler HQs. Minhas filhas também. Neste final de semana compraram “Socrates in love”, pois são adolescentes. Foi um desafio muito gostoso. (Aluna 4º semestre)
- ✓ Adorei fazer. Muito gostoso. Fiz a oficina, adorei. Estou lendo mais sobre as HQ. Gosto de desenhar (...) quero dar continuidade a este trabalho. Estou mudando o meu TCC, vou fazer sobre os quadrinhos. (Aluna do 4º semestre)
- ✓ Tive muita dificuldade de fazer a HQ, pois desde pequena nunca tive contato. Tive que ler as HQ, estudar sobre elas, para poder fazer o trabalho. Não sei desenhar, assim tive que pedir ajuda a um amigo. Algumas partes dos balões eu consegui fazer, outras não; foi um desafio, mas gostei de fazer. (Aluna do 4º semestre)

Acredito que, esta outra relação com os quadrinhos possibilitará outro olhar para as mesmas em seu uso na sala de aula com as crianças. Esta é, pelo menos, a aposta que tenho feito.

Considerações finais...

As histórias em quadrinhos, assim como qualquer forma de comunicação humana, têm servido ao longo da história tanto à reprodução da ideologia das classes dominantes

quanto à sua denúncia, o que significa dizer que elas em si, não são nem boas nem más, mas sim o uso que fazemos delas.

Procurei mostrar ao longo deste texto a necessidade de superar o preconceito para com elas e reconhecê-las como importante forma de arte e um potente meio de comunicação, que deve ser utilizado a favor de uma educação que prime pela autonomia e autoria não só dos/as docentes, mas de toda a comunidade escolar. Contudo, para isto, no seu uso nas escolas, faz-se necessário que educadores/as tenham em sua formação espaços para conhecerem e refletirem sobre as mesmas.

Neste trabalho formativo, interlocutores como Laerte, Angeli, Henfil, Will Eisner, Flavio Colín, o pesquisador da infância Francesco Tonucci¹² (Frato), Ziraldo, Quino, Bill Watterson, Gazy Andraus, Edgar Franco, entre tantos outros/as, podem auxiliar na perspectiva da construção de uma formação que tenha como objetivo a emancipação de homens e mulheres.

Superar o preconceito em relação as HQ, conhecer sua linguagem, retornar ao desenho, problematizar seu uso na escola... têm permitido aos (futuros/as) professores/as uma maior compreensão não só do que diz respeito a linguagem quadrinhística, mas também às crianças, que tem no desenho uma de suas mais fortes formas de expressão.

Segundo os/as próprios/as alunos/as da Pedagogia, suas dificuldades com as HQ passam pelos preconceitos construídos na própria formação que tiveram, no que se refere aos quadrinhos, e no abandono, muitas vezes precoce, do desenho. Porém, quando colocados/as ao desafio de criarem suas próprias HQ, apresentam sentimentos e atitudes contraditórios, pois ao mesmo tempo em que há estranhamento e resistência, há também curiosidade em experimentar. Superado o primeiro momento de preconceito e medo de ousar novamente o traço, terminam por transformar tal trabalho em uma experiência prazerosa e criativa, aberta ao próprio imaginário e à reflexão crítica sobre o que significa ser professor/a de crianças pequenas neste contexto neoliberal.

Neste sentido, se queremos de fato mudar o rumo de nossa história, marcada pela barbárie, como professores/as de crianças precisamos aprender a olhar a “formiga/criança” e reconhecer nela sua alteridade e seu poder de criação. Com Corsaro (2002) penso que um dos caminhos para isto seja o de conhecer como as crianças criam e participam de suas culturas por meio da apropriação das informações do mundo adulto, o que pensam, falam, fazem a partir destas informações e, desta forma, como resignificam seus cotidianos. Neste sentido, compreendo que as HQ podem se constituir em excelentes aliadas nesta leitura de mundo.

Referências Bibliográficas:

- ANDRAUS, Gazy, (2008). *A autoria artística das histórias em quadrinhos (HQ) e seu potencial imagético informacional*. São Vicente. (mimeo)
- APPLE, Michael W., (1999). *Conhecimento oficial: a educação democrática numa era conservadora*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes. Tradução de Maria Isabel Edelweiss Bujes.
- BENJAMIN, Walter, (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense. (Obras escolhidas; v. 1). Tradução de Sergio Paulo Rouanet.
- BOUCQ, François, (set/1995). A pedagogia da calçada. *Heavy Metal*, ano 1, nº 2, p. 19-22. Tradução e adaptação Estúdio Arcádia.
- McCLOUD, Scott, (2005). *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: M. Brooks do Brasil. Tradução de Helcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro.

¹² Conferir de modo especial suas obras: “Com olhos de criança” (Artmed, 1997) e “A solidão da criança” (Autores Associados, 2008).

- CORSARO, Willian. A., (2002). A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. *Educação, Sociedade e Culturas*, nº 17, p. 113-134. Tradução de Manuela Ferreira e Isabel Abreu.
- ECO, Umberto, (2006). *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva. (Debates, v. 19). Tradução de Pérola de Carvalho.
- EISNER, Will, (1989). *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Luís Carlos Borges.
- FERNANDES, Florestan, (1986). A formação política e o trabalho do professor. In: CATANI, Denise B. (org.). *Universidade, escola e formação de professores*. São Paulo: Brasiliense. p. 13-37.
- FREIRE, Paulo, (2003). *Pedagogia do Oprimido*. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____, (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Coleção leitura)
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald, (1994). *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GROENSTEEN, Thierry, (2004). *Histórias em quadrinhos: essa desconhecida arte popular*. João Pessoa: Marca de Fantasia. Tradução de Henrique Magalhães.
- KRAMER, Sonia; BAZÍLIO, Luiz. C., (2003). *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez.
- RAMOS, Paulo, (2009). *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto.
- RIOS, Terezinha A., (2001). *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. São Paulo: Cortez.
- SRBEK, Wellington, (2006). *Quadrinhos & outros bichos*. João Pessoa: Marca de Fantasia. (Coleção Quiosque, 17)
- VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Angela, (2005). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 2ª ed. São Paulo: Contexto. (Coleção Como usar na sala de aula)

Resumo

Este trabalho tem por objetivo problematizar a formação de professores e professoras no que se refere ao trabalho com as histórias em quadrinhos (HQ). Apresenta uma preocupação com certo uso “didatizado” dos quadrinhos nas escolas, fruto do desconhecimento de muitos educadores e educadoras quanto a sua linguagem. Defende a importância das HQ nos espaços educacionais como forma de arte e potente meio de comunicação. Conclui com a necessidade de uma formação “quadrinhística” para os/as docentes, em especial para aqueles e aquelas que trabalham ou pretendem trabalhar com crianças.

Palavras-chave: histórias em quadrinhos; crianças; formação de professores e professoras; comunicação; arte.

Abstract

This study focusses on teacher education taking the use of comic books into account. It shows considerable concern about the mere didactic applications of comic books in schools, due to the lack of thorough knowledge on how to make the most of the language found therein. It emphasizes the role of comic books in educational environments, regarded as an art and an effective means of communication. It highlights the importance

of incorporating comic books into teachers' professional background, especially when teaching young learners is concerned.

Key-words: comic books; young learners; teacher education; communication; art.